



FOTOS: FÁBIO POZZI/AGÊNCIA SÓLOS

# Por dentro do gigante que nunca dorme

No maior hipermercado do Norte, 30 pessoas trabalham todas as noites para que tudo esteja pronto à hora de reabrir

José Miguel Gaspar  
gaspar@jn.pt

**MATOSINHOS** Um ano após abrir o “gigantão baratão”, domingo de 14 de dezembro de 1986, voltou a ver-se o mesmo badanal à volta do Continente de Matosinhos, a rotunda dos Produtos Estrela empanturrada de carros, filas infundáveis a lastrar, milhares de famílias em ânsia nos carros, brandem as crianças, todos querem ver o que é isso, um “hipermercado”, “a nova raça de loja”, a suma superfície do país.

Agente era tanta e tão turbulenta – 15 mil num dia – que a loja fecha e reabre várias vezes, ávida a repor stocks, e à porta põem-se vigilantes com apitos a parar e ordenar a turba de gente. Mas outra incredulidade varrou a multidão, foi na tarde desse dia consumidor que o SCP ganhou 7-1 ao SLB, a raça

do resultado expelia dos rádios, o povo a querer entrar, euforia e trauma (dependia da baliza), apitos e pontapés pelo ar, as famílias a transir.

Agora são 32 anos após o 1.º aniversário, a loja amplificou (6 mil m2 passaram a 10 mil), é meia-noite, o jogo é só memoração, os clientes vazaram todos. Todos? Não, um resiste, entrou a um minuto de fechar, vultei de carinho na mão, já é quase meia-noite e meia, o seu nome é falado, é Bárbara Caldeira, é a última cliente usual. “Sou uma atrasada”, e ela ri, “já me conhecem, moro ali ao lado, saio tarde do emprego, a esta hora não há filas, é uma maravilha, são uns queridos”, e os empregados assentam o chavão “aqui o cliente tem sempre razão”.

Fechou a última caixa, há 65, quase o dobro da inauguração, a loja só reabre daqui a oito horas e não há mistério:



à noite o gigante nunca dorme, nem pestaneja, veda-se a freguesas da meia-noite às 8.30, mas dentro dele está-se sempre a labutar. São 30 pessoas pela noite, turnos rotativos, ao todo são 400 em-

**Afonso Brandão, padeiro (em cima); João Moreira, repositor de produto; e Ângela Varela, peixeira**

pregados, acolhem 7 mil clientes ao dia, ao sábado 10 mil, dezembro é o melhor mês. Sem segredos: 90% do trabalho é repor stocks nas prateleiras, bancas e ilhas, o resto é limpezas, arrumações, panificação.

Habilmente intervalados na madrugada, a luz da loja suaviza, a música nos speakers não, a loja cheira a Natal – a parte mais visível da decoração: os cartazes amarelos das promoções –, estão todos a azafamar, um lufa-lufa de concentração.

## COREOGRAFIAS

Cada um tem a sua coreografia de gestos e presteza. Ângela Varela, 41 anos, atira pás de gelo para a banca e faz decoração a dispor os peixes acabados de chegar. Afonso Brandão, benfiquista que descreu no Pai Natal, é padeiro, talha massa para 7 mil pães por dia. João Moreira, 20 anos, passa num porta-paletes e repõe garrafas como um prestidigitador. Manuel Gonçalves, diretor de 51 anos que sabe o nome dos 400 trabalhadores, reventa de orgulho pelo “gigantão” e revela o segredo da exaltação: “A última coisa que faço antes de sair é ver a cara dos clientes. É também a primeira quando abro a loja: ver a felicidade que quem veio à nossa casa comprar”. E o dia começa sempre da mesma maneira, sem negociação: diretor e 10 chefes de secção perfilam-se à entrada e dão os bons dias aos primeiros a entrar. E depois todos continuam a labutar. ●